



MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO: desafios para o educador

Ana Maria Nunes da Silva^{*}

Juliana Cristina Magnani Primão^{**}

Ivone Jesus Alexandre^{***}

RESUMO

A educação é muito importante na formação de gerações de valores como tolerância, cidadania crítica e valorização da pluralidade cultural. O objetivo do presente texto é trazer reflexões sobre o multiculturalismo na educação e alguns desafios para a prática docente. A alternativa educacional é entendida como meio de proporcionar a formação de gerações e deve ser aberta à diversidade cultural e desafiadora, de congelamentos identitários e preconceitos. O educador deve estar comprometido com a transformação da sociedade para fornecer um melhor sistema de saúde, aprimoramento do conhecimento científico, do bem-estar emocional e da justiça social. Ele deve trazer no seu cotidiano uma perspectiva multicultural que resulte em um discurso alternativo, valorizando as identidades e reconhecendo a identidade do 'outro'.

Palavras-chave: Educação. Multiculturalismo. Professores. Conceitos. Percepções.

1 INTRODUÇÃO

1.1 MULTICULTURALISMO: CONCEITOS, PERSPECTIVAS E ALTERIDADE

^{*} Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Sinop). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop).

^{**} Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Pós-graduada em Cuidado Pré-natal pela Universidade Federal de São Paulo. Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop).

^{***} Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduada em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia do Ensino.

O presente artigo traz algumas reflexões sobre o multiculturalismo e sua articulação com a educação/educador. Entende-se que a educação, os currículos escolares e a formação dos professores não podem mais omitir à questão multicultural premente no contexto escolar.

Sobre o termo multiculturalismo, este tem sido empregado com diferentes significados. Conforme Werneck (2008, p.429) o multiculturalismo “pode consistir na justaposição ou presença de várias culturas em uma mesma sociedade e também na relação entre elas”.

Há aqueles que inclusive defendem que o termo mais apropriado seria interculturalismo, na medida em que, o *inter* daria uma visão de culturas em relação e, não a mera composição de múltiplas culturas (CANEN, 2007).

Apoiamo-nos em Gonçalves e Silva (2003) que definem o multiculturalismo como um jogo das diferenças. Neste jogo, as regras são definidas por atores, nas lutas sociais. Esses atores, por uma razão ou outra, experimentaram a discriminação e o preconceito no interior das sociedades que vivem. Assim, para compreender as regras desse jogo se deve conhecer os contextos sócio-históricos que os sujeitos agem.

Nesta perspectiva, o multiculturalismo inscreve-se numa visão pós-moderna de sociedade, em que a diversidade, a descontinuidade e a diferença são percebidos como categorias centrais. Contrapõe-se à percepção moderna e iluminista da identidade como uma essência estável e fixa (CANEN; OLIVEIRA, 2002).

Tem-se que o multiculturalismo, como movimento teórico, apresenta sua origem nos Estados Unidos em meados do século XX e rapidamente se difunde no mundo ocidental, surgindo como forma de enfrentamento dos conflitos gerados em função das questões étnico-culturais, econômicas e políticas. Observa-se que há uma tentativa de combater preconceitos e discriminações, tendo em vista a dificuldade de indivíduos de grupos de acolher e conviver com a pluralidade e as diferenças culturais (SILVA; BRANDIM, 2008).

O nascimento do multiculturalismo é no “embate de grupos, no interior de sociedades cujos processos históricos foram marcados pela presença e confronto de povos culturalmente diferentes” (GONÇALVES; SILVA, 2003, p.112).

Apesar das inúmeras diferenças que possam existir entre os diferentes movimentos multiculturais que se conformaram nos países, há de se reconhecer que todos eles estiveram ligados a um poderoso centro de dominação: a Europa Ocidental. O monoculturalismo não só pretendia universalizar os pressupostos e os termos de uma única cultura, como nega ser

cultura qualquer expressão que recuse a moldar-se nos padrões dessa cultura (GONÇALVES; SILVA, 2003).

Em última instância, pode-se afirmar que o movimento multicultural é a expressão de reações contra a vocação assumida pela Europa ocidental (GONÇALVES; SILVA, 2003).

Não se pode deixar de destacar também o uso da ciência, amplamente praticado no século XIX na Europa para justificar pressupostos racistas, desigualdades jurídicas, política e econômica entre os colonizadores e os colonizados (GONÇALVES; SILVA, 2003).

Atualmente reconhece-se que o multiculturalismo tem trazido à necessidade de compreender a sociedade como constituída de identidades plurais, com base na diversidade de gênero, raças, classe social, padrões culturais e linguísticos e outros marcadores identitários (CANEN; OLIVEIRA, 2002) inseridos em um contexto sócio-histórico.

1.2 PERSPECTIVAS DO MULTICULTURALISMO

Além dos termos que definem o multiculturalismo, as perspectivas que o informam também variam. Diz-se que há uma perspectiva folclórica ou liberal; outra denominada de multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica e uma postura pós-moderna e pós-colonial que também faz críticas as duas últimas referidas (CANEN, 2007).

Dentro de uma visão mais folclórica ou liberal, há valorização da pluralidade cultural, masse reduz as estratégias de trabalho a aspectos exóticos, folclóricos e pontuais, como por exemplo, fazendo referências às receitas típicas, festas e dias especiais (CANEN, 2007).

Já o multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica busca articulações entre as visões folclóricas e as discussões sobre as relações desiguais de poder entre as culturas diversas, com questionamentos sobre a construção histórica dos preconceitos, das discriminações, da hierarquização cultural (CANEN, 2007).

No entanto, o multiculturalismo crítico também tem sido tensionado por posturas pós modernas e pós coloniais, estas apontam para a necessidade de buscar identificar, na própria linguagem e na construção dos discursos, as formas como as diferenças são construídas (CANEN, 2007).

Para Canen (2007) as abordagens multiculturais adotadas remetem em última análise a questões de como a identidade e diferença são concebidas, a relação entre o universalismo e relativismo e a compreensão do multiculturalismo como campo de estudos de caráter híbrido.

1.3 IDENTIDADE E DIFERENÇA

Sobre a identidade, esta é vista como essência acabada, em uma visão essencializada. Construída sobre essa perspectiva, uma abordagem multicultural, ainda que valorize a pluralidade de identidades, irá visualizar como entidades estanques: “o negro”, “o índio”, “a mulher”, “o deficiente” etc.(CANEN, 2007).

As estratégias multiculturais críticas, mesmo que superando o mero “exotismo” que caracteriza o multiculturalismo folclórico, ainda estariam trabalhando com “a idéia uniforme e acabada das identidades, sem considerar o dinamismo, o hibridismo, as sínteses culturais e o movimento constante que resulta em novas identidades” (CANEN, 2007, p.94).

Por outro lado, o multiculturalismo crítico pós-modernizado ou pós-colonial pretende focalizar não só a diversidade cultural e identitária. Ele prevê a análise dos processos discursivos pelos quais as identidades são formadas, em suas múltiplas camadas. Propõe analisar criticamente os discursos que ‘fabricam’ essas identidades e diferenças (CANEN, 2007).

E em síntese, compreende-se a importante necessidade de evitar com que se cai no erro de congelar e homogeneizar identidades e diferenças (CANEN, 2007).

1.4 UNIVERSALISMO E RELATIVISMO

Outra questão que mobiliza as diferentes perspectivas multiculturais é o embate entre o universalismo x relativismo.

Em termos gerais, o universalismo implica que há um conjunto de valores universais, independentes das culturas que constituem o tecido social e que são compartilhados por toda a humanidade (CANEN, 2007).

Por outro lado, o relativismo diz respeito a uma corrente do pensamento que “não crê na existência de um real, universalmente apreensível, ou de uma verdade absoluta, que seja independente dos valores culturais e visões de mundo que a constroem” (CANEN, 2007, p.97).

Bourdieu (1999 apud Canen 2007) expressam receio de que, sob o pretexto de defesa das identidades marginalizadas e, em muitos casos, da visão relativista, tal visão poderia estar criando novos universalismos e novos essencialismos identitários. Para evitar a construção do que ele denomina de “guetizações” e “universalização dos particularismos” o autor propõe que o potencial subversivo dos movimentos particularistas (exemplo, movimento feminista)

coloquem a serviço do universal, as vantagens particulares que os distinguem dos outros grupos estigmatizados.

Canen (2007) com base em autores defende que para superar a dicotomia universalismo x relativismo deve-se trabalhar com a tensão entre ambas perspectivas, por meio de diálogos que busquem caminhos que traduzam estratégias viabilizadoras de lógicas de negociação, de diálogo e argumentação entre as culturas.

4 MULTICULTURALISMO: EDUCAÇÃO E O EDUCADOR

Sobre o multiculturalismo na educação e o educador, a partir de uma perspectiva de reconhecimento das pluralidades culturais, visualiza-se desafios postos a prática do profissional no contexto escolar.

Para Canen (2007) os desafios do multiculturalismo, com relação a construção das identidades e das diferenças e às formas pelas quais a tensão universalismo e particularismo é enfrentada, podem ter implicações diversas sobre os currículos e posturas multiculturais em educação.

A autora ainda defende que os problemas que se apresentam, particularmente na área educacional, no mundo complexo e contemporâneo, não podem reduzir-se a olhares que fecham em campos disciplinares de fronteiras rígidas. Ao contrário, é exigido respostas complexas, mestiças, híbridas.

Sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir no caminho da construção de alternativas educacionais propiciadoras da formação de gerações abertas à diversidade cultural, e desafiadora de congelamentos identitários e preconceitos (CANEN, 2007, p. 101).

Para Canen e Oliveira (2002) três categorias parecem ser centrais nas práticas pedagógicas multiculturais: a crítica cultural, a hibridização e a ancoragem social dos discursos.

A crítica cultural pressupõe a possibilidade dada aos alunos de analisar suas identidades étnicas, gerar conhecimentos baseados na pluralidade de verdades, criticar mitos sociais que o subjazem e construir solidariedade em torno dos princípios da prática social, da democracia ativa e da liberdade (CANEN; OLIVEIRA, 2002).

A linguagem híbrida procura superar os congelamentos identitários e as metáforas preconceituosas, incorporando discursos múltiplos e reconhecendo a pluralidade e a provisoriade de tais discursos. Ainda tem-se que uma interessante hidridização discursiva

pode ser realizada por meio da ancoragem social, com conexões entre os discursos históricos, políticos, sociológicos e outros (CANEN; OLIVEIRA, 2002).

Ainda segundo as referidas autoras a realização dessas conexões significa olhar criticamente para percepções e ideias relativas à educação e formação docente, analisando as presenças e ausências nesses discursos intimamente ligados a dinâmicas sociais, culturais e históricas.

Nesta perspectiva, a escola deve ser reconhecida como um importante lócus cultural, onde a multiplicidade e a diferença são a sua tônica enriquecedora. Neste espaço devem ser desvelados e denunciados processos excludentes, promovido o rompimento de olhares hierarquizado sobre as diferentes, realizadas reflexões sobre a relação entre cultura e poder, desenvolvido ideias em torno de uma cidadania crítica, respeito à diversidade etc (XAVIER; CANEN, 2008).

No currículo escolar o multiculturalismo não deve constituir-se como um “adendo”, mas horizonte de trabalho. Ele deve impregnar estratégias, conteúdos e práticas normalmente trabalhados em aula pelo educador (CANEN, 2007).

Nesse sentido, conforme salienta Canen (2007), reforça-se o papel do educador como pesquisador constante de sua prática. Ele deve construir no seu cotidiano perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se a congelamento identitário.

É importante que o educador tenha consciência dos tipos de perspectivas pelas quais o multiculturalismo pode ser compreendido, bem como os objetivos multiculturais que se deseja alcançar. Nada impede que o professor faça uso de estratégias plurais e práticas, desde aquelas vinculadas a perspectivas mais folclóricas àquelas associadas a perspectivas mais críticas do multiculturalismo (CANEN, 2007).

Canen (2007) exemplifica a situação em que um educador deseja trabalhar em uma perspectiva multicultural crítica pós-modernizada ou pós-colonial. Uma idéia seria propor uma tarefa que exija crítica cultural, em que os alunos tentem identificar vozes silenciadas e/ou estereotipadas, em livros didáticos e outros materiais.

Dessa maneira, a sensibilização dos alunos para formas mais plurais de dar significado ao mundo, segundo percepções culturais diversificadas, não significa um relativismo total em que quaisquer valores sejam aceitos de forma a-crítica. Mas se prevê que seja estabelecido um diálogo pautado em valores éticos, humanos de preservação da vida e de respeito à existência do ‘outro’ (CANEN, 2007).

Estudo de Xavier e Canen (2008) desenvolvida por uma universidade pública no contexto de um curso de formação continuada para profissionais da educação das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro evidenciaram a ‘invisibilidade’ das diferenças no contexto escolar.

O excluído é sempre o ‘outro’. Essa exclusão leva a uma invisibilidade, onde as necessidades, a cultura e a realidade do “excluído” parecem distantes e irreais. Assim, a inclusão em uma perspectiva de multiculturalidade era algo inédito ou impensado e as discussões de questões étnicas, de gênero, de sexualidade, de religiosidade e repetência e evasão escolar resultavam sempre em debates e polêmicas acirradas (XAVIER; CANEN, 2008).

Especificamente em relação à questão da sexualidade, apontado como polêmico nas discussões, concordava-se que em muitas escolas ainda não havia espaço para essa discussão. A identidade homossexual ainda era vista por alguns educadores não como mais um exemplo de pluralidade identitária, mas desvio de comportamento (XAVIER; CANEN, 2008).

Outro ponto que levantou polêmica, por não ser um consenso, foi o que ressalta a exclusão daqueles que “não conseguem aprender”, representados por aqueles alunos com dificuldade de aprendizagem, repetentes, alunos com defasagem idade-série e evadidos, que conseqüentemente “fracassam” e acabam por ser expulsos da escola, mas, no entanto, não são identificados pelos educadores como um grupo de excluídos (XAVIER; CANEN, 2008).

A homogeneização dos currículos, dos métodos e dos instrumentos de ensino e a prática da avaliação apenas classificatória, aliadas a uma abstração dos professores em relação à realidade sociocultural dos alunos, levam a um silenciar das diferenças e a uma ratificação do fracasso escolar. Se pensarmos em uma educação inclusiva, tem-se que as questões colocadas e outras precisam de mais espaço de discussão no campo educacional numa perspectiva mais ampla proposta pelo multiculturalismo (XAVIER; CANEN, 2008).

Há uma necessidade urgente de incorporar a formação de professores uma visão multicultural que possa ser traduzida em suas ações pedagógicas. Nesse sentido Xavier e Canen (2005, p.336) afirmam que:

Formar o professor multiculturalmente orientado implica, conforme temos argumentado, trabalhar em prol de um modelo de professor apto a compreender o conhecimento e o currículo como processos discursivos, marcado por relações de poder desiguais que participam da formação das identidades. Implica tensionar conteúdos pré-estabelecidos e pretensões a verdades únicas, procurando detectar vozes silenciadas e representadas nesses discursos curriculares, de forma a mobilizar a construção de identidades docentes sensíveis a diversidade cultural e aptas a formular alternativas discursivas transformadoras, desafiadoras do congelamento de identidades e estereótipos.

Acresce a ideia da formação de professores multiculturalmente orientados, um chamar da atenção dos educadores para uma possível defesa do multiculturalismo como um viés relativista, aceitando todas as culturas com seus procedimentos e costumes, muitas vezes inadequados, desrespeitosos e injustos para com o ser humano (WERNECK, 2008).

É preciso considerar que a educação propõe-se à transformação da sociedade. Ela prevê o desenvolvimento de potencialidades, o crescimento moral e à humanização dos indivíduos. Mas para conseguir esse feito deve-se aceitar, ao mesmo tempo, passivamente, usos e costumes tão impróprios para atingir tal objetivo? (WERNECK, 2008).

A própria noção de educação exige o comprometimento com o respeito a dignidade humana e com a justiça para com todos sem distinção. O educador não tem escolha. Está comprometido com a transformação da sociedade no sentido de um aprimoramento da saúde, do conhecimento científico, do bem-estar emocional e da justiça social. Porém, o mesmo não pode compactuar com o erro e o mal com a justificativa de eles fazerem parte de uma determinada prática cultural (WERNECK, 2008).

O professor, a partir de uma postura crítica, deve aceitar o diferente, as diferenças, mas também deve reconhecer as situações em que “essas peculiaridades podem atentar contra a saúde, o bem-estar ou a dignidade da pessoa humana” (WERNECK, 2008, p.417).

Além disso, é importante destacar que ao se defender o multiculturalismo nas escolas, deve-se por em evidência o fato de também o professor emergir de um universo cultural. Ele foi educado conforme determinados padrões culturais que devem ser superados para que possa abrir-se para os outros (WERNECK, 2008).

Se o multiculturalismo pretende contribuir para uma educação que valoriza a diversidade cultural e questiona as diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças (CANEN, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar a premente discussão do multiculturalismo no contexto escolar. A escola é um lócus de multiplicidades e diferenças que devem ser consideradas pelos seus sujeitos envolvidos e, neste caso também por seus educadores.

Ao educador são requeridas perspectivas multiculturais que valorizem a identidade, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se ao congelamento identitário. Ele deve

prever o estabelecimento de um diálogo pautado em valores éticos, humanos de preservação da vida e de respeito à existência do ‘outro’.

Uma visão multicultural deve traduzir-se em ações pedagógicas que detectam vozes silenciadas e representadas nos discursos escolares. Há ainda que se considerar o incluir como ação de garantia dos direitos constitucionais e educacionais a todos os indivíduos.

Em sala de aula o docente deve nortear-se pelo currículo previamente estabelecido, tendo o multiculturalismo como horizonte de trabalho e não ‘adendo’ as suas práticas.

Questões étnicas, de gênero, de sexualidade, de religiosidade, de repetência e evasão escolar deve ser objeto de análise dos educadores, considerando os processos discursivos marcados por relações de poder desiguais que participam da formação das identidades.

Não há que se desconsiderar o fato de que os docentes também emergem um universo cultural e, portanto seguem determinados padrões culturais. Além disso, eles não devem aceitar todas as culturas e procedimentos considerados inadequados, desrespeitosos e injustos com o ser humano. A educação tem um importante papel na formação de gerações nos valores de tolerância, de cidadania crítica e valorização da pluralidade cultural. E o educador deve estar comprometido com a transformação da sociedade no sentido de um aprimoramento da saúde, do conhecimento científico, do bem-estar emocional e da justiça social.

MULTICULTURALISM AND EDUCATION: challenges for the teacher

ABSTRACT¹

The education is very important in the formation of generating values like tolerance, critical citizenship and appreciation of cultural plurality. The objective of this text is bringing reflections about the multiculturalism in education and a few challenges to the teaching practice. The educational alternative is understood as a way to provide formation of generations and it should be open to cultural and challenging diversity, identity freezing and prejudice. The teacher should be engaged with processing society to provide a health system better, improving scientific knowledge, emotional welfare and social justice. The teacher should bring a multicultural perspective everyday in the classes which results in a alternative speech valuing and recognizing the other's identitie.

¹ Transcrição realizada pela aluna Kerllin Carla Boeing, do Curso de Especialização em **Docência do Ensino Superior** e revisão pela Renata Aparecida Ianesko (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Keywords: Education. Multiculturalism. Teachers. Concept. Perceptions.

REFERÊNCIAS

- CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Revista comunicação e política**, v.25, n.2, p.091-107, 2007. Disponível em: <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/02DED04%20Ana%20Caren.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- CANEN, A.; XAVIER, G.P.M. Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores: o caso das Diretrizes Curriculares para a formação docente. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.13, n48, p.333-334, jul./set.2005.
- CANEN, A; OLIVEIRA, A.M.A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**. n.21. set-dez. 2002.
- GONÇALVES. L. A. O.; SILVA, P. B. G. Multiculturalismo e educação: do protesto de ruas a propostas políticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 29, n. 1, p. 109-123, Jan./Jun., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a06.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- SILVA, M.J.A.; BRANDIM, M.R.L. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. **Diversa**, Ano I, n. 1, p. 51-66, Jan./Jun. 2008. Disponível em: <http://www.fit.br/home/link/texto/Multiculturalismo.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- WERNECK. V.R. Uma avaliação sobre a relação multiculturalismo e educação. **Ensaio: aval. Pol. Publ. Educ.**; Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 413-436, jul./set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a06.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- XAVIER, G.P.M; CANEN, A. Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro. **Pro-posições**, v, 19, n 3(57) – set./dez. 2008.